

UM ENIGMA NÃO TÃO CLARO: A RECUSA DO CONHECIMENTO METAFÍSICO NA POÉTICA DRUMMONDIANA

Marília Renildes Duka de Souza (PIC/UEM), Márcio Roberto do Prado (Orientador),
e-mail: mrprado@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Literatura/ Literatura Brasileira

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Carlos Drummond de Andrade, A Máquina do Mundo.

Resumo:

A obra de Drummond é um espelho da natureza humana e suas angústias, é a expressão de uma consciência lírica austera, que busca encontrar seu lugar no mundo. Nosso objetivo, nesse artigo, é entender como o eu lírico drummondiano acessa e se insere no mundo e quais são seus critérios para aceitar uma verdade em detrimento de outra que lhe possa ser ofertada. Procuramos demonstrar que a recusa de uma *solução* metafísica é um dos métodos escolhidos pelo eu lírico. À luz dos estudos de Bosi (2003) e Villaça (2006), analisaremos, pois, o poema “A máquina do mundo”, do livro *Claro Enigma*, publicado em 1951, a fim de entender quais as implicações epistemológicas de recusar o conhecimento ofertado pela Máquina.

Introdução

Carlos Drummond de Andrade, poeta de suma importância para o cânone literário brasileiro, deixou-nos uma vasta obra contemplando diversos gêneros literários. Neste projeto, centramos nossa análise no poema “A Máquina do Mundo”, do livro *Claro Enigma*, lançado em 1951. A poesia de Drummond é temática e formalmente plural. O eu lírico drummondiano percorre por vários assuntos, explora diversas formas, mas se mantém liricamente coeso, quando assume, no seu poema de estreia, sua personalidade *gauche*. O desconforto do poeta perante sua relação entre o “eu” e o “mundo” e o desenvolvimento da *persona gauche* fizeram de sua obra um processo lírico. O *gauche* drummondiano é a expressão de uma consciência metalinguística que tenta solucionar as angústias de uma *persona* tímida, deslocada, sombria, retorcida, desconfiada e inquieta que precisa acessar o mundo de alguma forma. Pretendemos, nesse projeto, entender como o eu lírico drummondiano acessa o mundo, quais são seus critérios para aceitar a verdade ou para não aceitar outras verdades que possam ser ofertadas. Nossa hipótese foi de que a recusa de uma *solução* metafísica é um dos métodos escolhidos pelo eu lírico. É preciso salientar que a temática metafísica não é rejeitada, mas sim a solução

epistemológica que se quer metafísica. Por isso, analisamos o poema “A máquina do mundo”, de *Claro Enigma*. Não aceitar a onisciência da Máquina parece ser, sobretudo, descreditar um conhecimento metafísico e escolher deliberadamente o mundo terreno.

Revisão Bibliográfica

Por meio da revisão de bibliografia da fortuna crítica da obra de Carlos Drummond de Andrade, à luz dos estudos de Bosi (2003) e Villaça (2006), analisamos, pois, o poema “A máquina do mundo”, do livro *Claro Enigma*, de 1951. A partir das obras do próprio poeta e demais literaturas que nos ajudaram a compreender as estruturas poéticas e os conteúdos interdiscursivos foi que confirmamos nossa hipótese.

Resultados e Discussão

Para analisarmos o poema, nos utilizamos da subdivisão proposta por Alfredo Bosi (2003), que compreende o poema, “A máquina do mundo”, formado por seis momentos. Além disso, propusemos reflexões acerca da forma do poema, para entendermos como os elementos formais elevam o discurso.

1 - O encontro no meio do caminho. O verbo, no poema conjugado na primeira pessoa do pretérito imperfeito do subjuntivo, “palmilhasse” produz ecos que ressoarão ao longo do poema. A oclusiva surda /p/ se apresenta em **pedregosa** e joga com nossa memória auditiva de “rouco” para **pouco**, como se questionasse a força simbólica do sino que toca. Ao que tudo indica no poema, quando o eu lírico é posto em destaque, vem acompanhado de palavras com fortes marcações de oclusivas, sobretudo surdas: /p/, /t/ e /k/. O que pode ser indício de uma forma poética que, consciente de si, usa de seus recursos para mostrar que esse “ser” não se dilui como as aves, ao contrário, “repete” os mesmos sem roteiros **tristes périplos**” (v.27).

2 - A abertura da máquina do mundo e o anúncio de sua fala. O viajante com a “mente exausta de mentar”, encontra-se diante da grande Máquina, enquanto ela se abre para oferecer-lhe “gratuitamente” a “natureza mítica das coisas” e a “total explicação da vida”. Tal oferta é feita sem que emitisse “um som que fosse impuro/nem um clarão maior que o tolerável”, de modo tão “calmo e puro” que a oferta se torna uma verdadeira “revelação do Absoluto” (VILLAÇA, 2006, p. 93). A aliteração de /s/ no verso 14 e a maior exposição de /l/ e [J] nos dão a sensação de que o discurso da máquina é tão límpido e fluente, quase como se ondulasse diretamente à razão do caminhante.

O comunicado, contudo, feito em discurso direto, expresso com aspas e enunciado em primeira pessoa do singular nos mostra que essa fala já é, na verdade, a interpretação do eu lírico daquilo que lhe fora revelado, mas é indizível, haja vista que “voz alguma,/ ou sopro ou eco ou simples percussão/ atestasse que alguém, sobre a montanha,/ em colóquio se estava dirigindo”.

3 - O discurso no mundo. O primeiro verso do discurso, “O que procuraste em ti ou fora de”, é, em si, problemático, pois obedece à métrica de decassílabo, porém não se encaixa nem na classificação de heroico, nem de sáfico, modelos presentes no poema. Considerando isso, vejamos primeiro as opções de escansão:

- 1) O |que |pro|cu|ras|te em |ti |ou| fo|ra de. (nove sílabas poéticas)
- 2) O |que |pro|cu|ras|te |em |ti |ou| fo|ra de. (dez sílabas poéticas)
- 3) O |que |pro|cu|ras|te |em |ti |ou| fo|ra de. (dez sílabas poéticas)

Na terceira possibilidade podemos transformar esse verso em sáfico, posicionando, assim, a tônica em “cu” (de procuraste). Essa alteração modifica não só o tempo verbal do verso e de todo o discurso, como também muda a interação da Máquina com o viajante. O novo verso soaria como: O que procuras-te em ti ou fora de. Nessa hipótese, teríamos uma Máquina que já assume um viajante fechado em si mesmo e que tenta, com seus dispositivos, trazê-lo para “fora”, mas no tempo presente, como uma busca contínua do sujeito por conhecer-se. Vemos, pois, uma espécie de centro gravitacional no *eu* e não na Máquina, pois ela diz “vê, contempla, / abre teu peito para agasalhá-lo”.

Por mais majestosa que a Máquina seja, ela não independe da vontade do sujeito. É preciso que o viajante esteja disposto a receber a oferta, mais do que disposto, ao “abrir o peito” ele se devota à Máquina. Esse último verso (v. 48) corrobora com a hipótese de transformar o verso 36 em sáfico. O centro gravitacional é o viajante que, fechado em si mesmo, precisa se abrir constantemente, e não apenas uma vez, precisa devotar-se.

4 - A epifania do universo. Dos versos 49 a 69, temos uma enumeração de coisas de “natureza mítica” nunca antes expostas, mas que “se submete à vista humana”. Tudo é apresentado em um “relance”, que deveria ecoar como uma epifania. No entanto, o discurso do eu lírico é em forma de relato, com um tempo verbal que permite uma enumeração linear, analítica e detalhada, que contraria a espontaneidade da epifania.

5 - A recusa do eu. O viajante “baixa os olhos, incurioso, lasso”, rejeitando não só o discurso da Máquina, mas sua posição na montanha, e conseqüentemente a hierarquia outrora posta. O desdém não é uma recusa somente ao conhecimento oferecido pela Máquina; não é puramente uma negação ao conteúdo, mas também à forma. O eu lírico rejeita o conhecimento que se quer *absoluto*. No limite, ao recusar o “reino augusto” (v.68), o eu lírico rejeita receber uma verdade única e um conhecimento determinado e submetidos à arbitrariedade da Lei Divina.

6 - Fechamento do mundo e a volta do eu à condição de caminhante. A Máquina, antes “majestosa”, agora repelida, recompõe-se “miudamente”, não mais com eloquência e persuasão, pois o foco da ação está na repulsa do sujeito e não na entrada da Máquina como no verso 10. No último verso, o verbo “seguiu” no pretérito imperfeito do indicativo nos mostra que a temporalidade do poema não é certa, mas é contínua. Não sabemos quando a Máquina do Mundo apareceu. *A priori* parecia um evento hipotético (pretérito imperfeito do subjuntivo), depois foi

consolidado (pretérito perfeito do indicativo) e termina com a sugestão de que o caminhar do viajante não acabou, ele “seguia vagaroso, de mãos pensas”, tal qual se encontrava antes de encontrar a Máquina e assim continuou, depois de recusá-la.

Conclusões

A postura de recusar o conhecimento ofertado pela Máquina do Mundo assume um papel essencial nos fundamentos epistemológicos e ontológicos da poética drummondiana. Essa recusa é a expressão de um movimento mais amplo na obra do poeta: a negação. Não é apenas um movimento, mas sim um *método* escolhido por um eu lírico que deseja se conectar com aquilo que lhe é externo e que deseja reclamar sua consciência frente ao mundo. Usar a negação como um método lírico significa, quando submetido ao limite, negar o próprio eu lírico e, portanto, a própria linguagem, forma pela qual o eu lírico expressa não só seu conteúdo, mas seu *ser ontológico*. Entretanto, a linguagem é um instrumento essencialmente social, ou seja, o mundo externo é condição *sine qua non* à existência da linguagem. Negar, portanto, é o modo que o eu lírico encontrou de se manter vinculado a si mesmo, questionando constantemente a si, ao mundo e à realidade.

Recusar é uma *ação* consciente de um eu lírico que, a despeito da atemporalidade cognoscível da Máquina do Mundo, se reafirma no *seu* tempo e contraria uma visão totalitarista da metafísica calcada nos alicerces da Verdade Única e do Conhecimento Absoluto, escolhendo, pois, seu palmilhar vagaroso e fatigado, mas certo de que é *seu*, de que é produto humano, mesmo que seja melancólico, enganoso, mesmo que seu reino não seja “augusto”, e sim torto, nauseante e sombrio. Recusar não é apenas uma postura lírica, mas uma forma de *agir* no mundo. É a maneira qual o eu lírico drummondiano acessa, se insere no mundo e reclama por seus direitos.

Referências

- ANDRADE, C. D. **Claro enigma**. 1. ed. Companhia das Letras, 2012.
- BOSI, A. A Máquina do Mundo: entre o símbolo e a alegoria. In: BOSI, A. **Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades. Editora 34, 2003.
- VILLAÇA, Alcides. **Passos de Drummond**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.